

Direito de Olhar: uma Reflexão sobre a Contravisualidade Presente nos Clipes Baby95 e Intimidade de Liniker¹

Letícia BENEVIDES²

Lucas Alves CAETANO³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Esse artigo propõe pensar no corpo, raça e gênero a partir das imagens dos clipes Intimidade (2019) e Baby95 (2021) de Liniker. Para tal, foram criadas duas montagens visuais, através do cruzamento de imagens do Atlas Mnemosyne de Aby Warburg (1924), metodologia que pensa as imagens a partir de suas aproximações e rastros. Tendo em vista esse cruzamento de imagens percebemos como os clipes exploram a contravisualidade da mulher trans negra no Brasil e reivindica o seu direito de olhar, amar, transitar e existir.

PALAVRAS-CHAVE: contravisualidade; transexualidade; gênero; montagens visuais.

1. INTRODUÇÃO

Liniker nos convida a entrar em sua intimidade. Ela está ali, amando, dançando, sorrindo, vivendo. As gotas do chuveiro que tocam delicadamente o seu corpo, o vapor quente no vidro, as carícias com seus afetos e o "bom dia" aconchegante. Liniker nos clipes Intimidade (2019) e Baby 95 (2021) nos encara nos olhos como se nos permitisse entrar em sua intimidade e conhecer suas vivências mais particulares.

Começamos este texto iluminando estes afetos expostos por Liniker, uma mulher negra, travesti, cantora, artista e brasileira. Uma mulher que ama, que chora, que se permite ser tocada, que bebe, que transa, que sorri e que se declara para seus amores. Uma mulher que vai além das estatísticas impostas ao seu corpo, a sua pele, ao seu gênero, a sua sexualidade. Uma mulher inteira e completa com todas as nuances que é ser uma mulher. Expomos estes afetos primeiro também como uma atitude contravisual na tentativa de ir na contramão do que a sociedade percebe.

Nós, que escrevemos este artigo, somos pessoas cisgêneras e entendemos que não compreendemos todas as nuances e particularidades do que é ser uma mulher negra trans e travesti. A nossa intenção não é dissecar ou dividir estes corpos como se fossem objetos de análise, mas sim olhá-las como pessoas com suas particularidades, nuances e vivências. Assim, de forma contravisual, pensamos sobre como as imagens dos clipes Intimidade (2019) e Baby95

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Identidades de gênero, sexualidades e raças, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC-UFG, e-mail: leticiabene.a@gmail.com.

³ Mestrando em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC-UFG, e-mail: lucasalvescaetano08@hotmail.com

(2021) de Liniker revelam a contravisualidade e o direito de olhar (Mirzoerff, 2016). O direito de olhar neste trabalho também é entendido como o direito de transitar, amar e existir.

Em um país como o Brasil que mais mata mulheres trans e travestis no mundo, Liniker nos permite olhar para ela, para suas vivências, afetos e intimidades, a partir de suas obras audiovisuais. Movimentos muitas vezes privados em corpos semelhantes aos dela. Dados são divulgados anualmente, no dia 29 de janeiro (Dia da Visibilidade Trans), que constam o número de assassinatos e violências contra transexuais e travestis no Brasil. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais é a responsável por realizar essa pesquisa anualmente. De acordo com o dossiê divulgado em 2024⁴, 145 pessoas foram assassinadas no Brasil, e desses, 136 eram mulheres trans e travestis. Ainda de acordo com a mesma publicação, 72 desses assassinatos foram de negros (pessoas pretas e pardas). Isso reflete o cenário racista e LGBTQIA+fóbico que existe atualmente no Brasil.

A vivência trans e travesti no Brasil muitas vezes é reduzida a estes tristes dados. Para contrapor e ir além da violência que estes corpos são submetidos diariamente, nos apropriamos da contravisualidade de Liniker para pensar a partir das aproximações visuais em como as imagens de seus dois cliques exploram a sua existência, intimidade e expõe o seu direito de existir.

2. CONTRAVISUALIDADE

A contravisualidade de Nicholas Mirzoerff (2016) surge como uma forma contrária da visualidade que está ligada diretamente à autoridade e ao poder. O autor argumenta que, a partir das contravisualidades do direito a olhar, as ações das pessoas foram conduzidas a reivindicarem os direitos que foram negados por essa forma de dominação que vem da visualidade. É importante pontuar que, apesar do nome fazer alusão a algo visual, ele não se refere a percepções visuais no sentido físico, mas sim pelo “conjunto de relações que combinam informação, imaginação e introspecção em uma interpretação do espaço físico e psíquico” (Mirzoerff, 2016, p. 748).

A contravisualidade é a reivindicação do direito de olhar, Liniker parece manifestar a sua contravisualidade nos cliques quando se observa no cotidiano, quando ama, quando canta, quando toma banho, quando ocupa os espaços durante o dia. A contravisualidade da mulher trans nos cliques nega a visualidade colocada pela sociedade onde pessoas trans ocupam espaços subalternos e marginalizados, até mesmo em narrativas audiovisuais. A contravisualidade nos

⁴ Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

ajuda a questionar essa unidade que a visualidade constrói sobre a existência, neste caso, como as mulheres trans são, o que elas fazem, as colocando em um só lugar. Narrativas como as de Liniker, apresenta uma mulher complexa, com vivências, intimidades, vontades e gostos.

3. CRUZAMENTO DE IMAGENS COMO METODOLOGIA

O Atlas Mnemosyne é uma disposição imagética fundada por Warburg (1924) no qual reuniu imagens fotográficas em um fundo negro. A intenção de Warburg (1924) ao colocar estas fotografias lado a lado era a de fornecer um "resumo de imagens" dos temas que eram estudados pelo autor. As imagens em conjunto podiam pensar, criar diálogos entre si e produzir sentido. Acreditamos nesta potência que as imagens têm em criar sentido, em pensar por meio dos rastros de suas aproximações, em produzir uma memória viva que, ao ser tocada por novos sujeitos, despertam vivências únicas que antes estavam esquecidas. Didi-Huberman (2013), ao resgatar a montagem visual de Warburg para pensar por meio das imagens, percebe que o Atlas Mnemosyne permite "expor o arquivo inteiro: desdobrar, por assim dizer, a profundidade estratificada dos arquivos" (p. 387).

Ao aproximar as imagens visuais dos clipes de Liniker, expomos suas imagens em relação às outras na tentativa de empreender sua obra inteira, em coletivo, a dois, como uma dança que conduz este processo de pensar. Ao utilizar o cruzamento de imagens não temos a intenção de recapitular as obras, realizar uma análise dos frames ou chegar a conclusões, mas sim "desdobrá-las em todos os sentidos, a fim de descobrir suas possibilidades ainda não percebidas." (Didi-Huberman, 2013, p. 387). Pensar por meio das imagens requer a interpretação de quem as toca: a nossa que escrevemos este trabalho, das nossas vivências pessoais, de quem lê e das bagagens que as acompanham, e das constantes modificações que as próprias imagens em proximidade causam. Por essa abertura que as imagens permite, fixá-las para Warburg, tiraria essa plasticidade e mobilidade que o seu pensar induz.

Assim, seguindo Warburg e Didi-Huberman (2013), renunciamos a fixar as imagens. Para isso, Warburg prendeu as fotografias com pequenos prendedores que "permitia deixar às imagens sua mobilidade e nunca terminar o "jogo", constitui uma refutação de qualquer síntese, de qualquer estado definitivo." (p. 389). Nós, criamos um arquivo on-line⁵ em que convidamos você que nos lê para mexê-las, adicionar novas imagens, mudar estas imagens de lugar, adicionar seus pensamentos, frames de outros clipes ou de filmes ou de fotografias, imagens

⁵ Este é o espaço aberto do pensar por imagens, convidamos você a trocá-las de lugar, acrescentar novas, trazer suas vivências e memórias: <https://www.canva.com/design/DAGDFJhlfRc/dhCi40JUPLwzh8PTTPvhA/edit>

geradas por Inteligência Artificial, pinturas, gravuras, molduras. Deixamos este lugar aberto para novas conversas, desdobramentos, memórias e pensamentos. Neste sentido entendemos que as imagens permitem "que a pessoa rememorasse cada versão sem se deter nela em definitivo.". (Didi-Huberman, 2013, p. 389).

A nossa intenção com este espaço aberto é pensar as questões do corpo, gênero, raça, afetos e sexualidade a partir do coletivo, da contribuição dos sujeitos que entrarem em contato com este espaço. Posteriormente, com estes novos pensamentos por imagens, pretendemos aproximar novamente as montagens e encontrar novos caminhos para as mesmas questões.



Fonte: Videoclipes Baby95 e Intimidade de Liniker
Montagens: Letícia Benevides e Lucas Caetano

3.1. Corpo, Raça e Gênero

Ao estudarmos mulheres trans, aqui como sujeito de pesquisa a cantora Liniker, é preciso levarmos alguns pontos em consideração. O sexo já foi considerado como algo de origem biológica. Isso fez com que fosse criado um tipo de segregação social, entre “macho e fêmea”, dando início ao binarismo que existe na sociedade até os dias de hoje. Assim, qualquer corpo que fugisse de alguma forma desse sistema criado, seria considerado dissidente, e seria marginalizado e inferiorizado nos grupos sociais.

De acordo com Bento (2012), “os discursos da diferença sexual darão suporte, a partir de um discurso científico, ao julgamento das condutas” (p. 9), definindo que a pessoa deveria agir de acordo com os comportamentos definidos pela sociedade como certos para aquele sexo.

Scott (2017) reflete que o gênero constitui as relações sociais, e é baseado nas diferenças que foram percebidas entre os sexos, e assim, cria uma primeira forma de significar as relações de poder. Desse modo, qualquer mudança nas relações sociais, acarretará em mudanças nas representações de poder. Porém, pensar apenas nesse aspecto de que o gênero é um constructo social que nasce a partir das definições do sexo, é um tanto quanto vago, pois para Butler (2003), o mesmo sistema de significados que define o gênero também define o sexo. Para Bento (2012), a verdade do gênero não se encontra no corpo, mas nas múltiplas possibilidades de construção de novas significações para o gênero.

De acordo com Butler (2003 apud Bento, 2008), “Transexualidade, travestilidade, transgênero, são expressões identitárias que revelam divergências com as normas de gênero uma vez que estas são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações” (p. 20). Os discursos que constroem as normas de gênero tentam limitar corpos como os trans, no entanto, “a transexualidade e outras experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas” (Bento, 2012, p. 38).

Com o desejo, entramos um pouco no aspecto visualizado nos cliques aqui analisados. Corpos de mulheres trans, por muitas vezes são interessantes durante a noite, mas nunca durante o dia. E, indo contra essa realidade que foi aceita por muito tempo, podemos olhar os cliques de Liniker a partir da contravisualidade, aqui compreendida a partir do conceito de Mirzoeff (2016), na qual ela reivindica seu direito a olhar, aqui como o direito de transitar, direito de existir, direito de amar como qualquer outra pessoa, com demonstrações de afeto, dentro de seu quarto, ou em um local público.

Existem certas convenções do que é ser “homem” e “mulher”, no entanto, mesmo que mulheres trans tenham corpos que se baseiam nesse discurso binarizante, elas possuem uma expressão de identidade própria (Bento, 2012), e são resistência viva do sistema de poder que acaba por padronizar o que vem a ser “normal” ou “anormal”, o que se reflete nos cliques de Liniker, no qual ela se apropria de espaços anteriormente concedidos apenas para pessoas da norma cis/heterossexual, e cria novas possibilidades e espaços para suas semelhantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das Montagens Visuais 1 e 2, propomos expor a contravisualidade que Liniker explora em seus clipes musicais Intimidade e Baby95. A partir das imagens de seu cotidiano a cantora convida quem assiste a entrar em sua intimidade e afirma as suas vivências. A contravisualidade pode ser percebida ao vermos Liniker durante o dia ocupando São Paulo, lugar que muitas vezes é negado a mulheres trans e travestis, especialmente mulheres negras. Quando observamos as narrativas da visualidade contadas as mulheres trans são colocadas à noite, no escuro, à margem das cenas. Em ambas as narrativas vemos os seus afetos a tocando com carinho, fazendo massagem, trocando carícias nos pés, a beijando e a olhando com gentileza. Olhar este que nos encara e reivindica a sua própria existência. O direito de Liniker existir.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2012 (2a. edição).
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- MIRZOEFF, Nicholas. O direito de olhar. In: **Revista Educação**, Temática, Digital. Vol. 18, n.4. Campinas : São Paulo, 2016.
- PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher?. In: ALGRANTI, L. (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos**, no 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 23 abr. 2024.